

Linguagem, discurso e ideologia

Language, discourse and ideology

Ana Carolina Simões Cardoso¹
UFRJ

Resumo: A Linguística Aplicada (LA) contemporânea se aproxima cada vez mais de áreas que focalizam aspectos sociais, políticos e históricos, já que suas pesquisas são centradas no contexto em que as pessoas vivem e agem, levando em consideração as mudanças relacionadas à vida sócio-cultural, política e histórica. De acordo com Moita Lopes (2006), a LA busca problematizar ou criar inteligibilidade sobre contextos em que a linguagem tenha um papel central. Por essa razão, existem três conceitos fundamentais que devem ser levados em conta ao realizarmos pesquisas na área de LA: *linguagem, discurso e ideologia*. Este trabalho pretende, portanto, apresentar uma possível definição para esses termos assim como indicar a relação entre eles, com base em Bakhtin, Fiorim e Fairclough.

Palavras-chave: linguagem, discurso, ideologia, LA

Abstract: Contemporary Applied Linguistics (AL) increasingly approaches areas focused on social, political and historical aspects, as its researches are centered on the context in which people live and act, taking into consideration the changes related to the socio-cultural, political and historical life. According to Moita Lopes (2006), AL attempts to raise questions or create intelligibility about contexts in which language has a central role. Therefore, there are three fundamental concepts that should be taken into account when we conduct researches in AL: *language, discourse and ideology*. This study thus aims at providing a possible definition for these terms as well as indicating the relationship between them, based on Bakhtin, Fiorim and Fairclough.

Keywords: language, discourse, ideology, AL

Antes de iniciar a discussão acerca da linguagem, é necessário entender o conceito de signo, pois a linguagem só existe com ele. Podemos afirmar que um signo é um símbolo carregado de ideologia. De acordo com Bakhtin (1992), todo signo é ideológico: um pão é um produto de consumo, mas pode também ser transformado em um signo ideológico quando ele é usado para representar o corpo de Cristo em cerimônias religiosas, por exemplo. Dessa forma, “o signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e retrata uma outra” (p.32). Todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode se tornar um signo. Assim, o signo pode ser um som, uma massa física, uma cor, um movimento do corpo ou qualquer outra coisa. Para um objeto tornar-se um signo em uma sociedade, no entanto, é necessário que ele esteja ligado às condições sócio-econômicas de tal sociedade.

¹ carol.acsc@gmail.com

Para um sistema de signos se constituir, é preciso que os indivíduos formem uma unidade social, pois os signos são criados através da interação social. A existência do signo, portanto, é a materialização da comunicação social. Segundo Bakhtin, o signo faz parte de um sistema de comunicação social e só tem existência fora desse sistema como objeto físico.

Sabemos que a comunicação na vida cotidiana entre os homens se dá através da linguagem. Fiorin (2007) afirma que a linguagem é uma instituição social, que veicula ideologias e media a comunicação entre os homens. Ela é determinada pelas condições sociais, mas ao mesmo tempo tem certa autonomia em relação às formações sociais. Para justificar essa afirmação, Fiorin explica que não há razão identificável na estrutura social para o fato de o /k/ latino que precede a vogal /a/, como em *capra*, ter-se mantido no português (*cabra*) e se transformado em /s/ no francês (*chèvre*). Por outro lado, o fato de o masculino ser o termo que indica o plural de nomes masculinos e femininos, por exemplo, pode ter-se dado devido ao prestígio do homem nas sociedades patriarcais, ou seja, pode ter sido determinado por fatores sociais.

É através da linguagem que a consciência se desenvolve. A palavra é usada como um instrumento da consciência, como um signo interior. Fiorin afirma que o pensamento humano caracteriza-se por seu caráter conceitual, não existindo, por conseguinte, pensamento fora da linguagem.

Segundo Bakhtin, os signos são o alimento da consciência individual e se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, haverá apenas o ato fisiológico. Como os signos são criados pelas relações sociais, a consciência individual é também social. De acordo com Fiorin, a consciência é formada pelo conjunto de discursos que o indivíduo interioriza ao longo de sua vida. O pensamento materializa-se na consciência apoiando-se no sistema ideológico de conhecimento que lhe for apropriado. Todo signo leva consigo a individualidade de seu(s) criador(es), mas essa individualidade é social, pois foi formada através de interações sociais. Portanto, todo signo é social por natureza, tanto o exterior quanto o interior.

De acordo com Bakhtin, a linguagem está presente em todas as relações entre os indivíduos, por isso ela será sempre o indicador das transformações sociais. Assim, o signo é marcado pela sua época e por um grupo social determinado. Uma modificação nas formas de organização ou interação social ocasiona uma modificação do signo. Da mesma forma, Fiorin afirma que a formação discursiva materializa a formação ideológica e, por isso, alterações nas relações de produção podem gerar uma mudança nas formações ideológicas e, por consequência, nas formações discursivas.

Além disso, sabemos que as diferentes classes sociais usam uma mesma língua para se comunicar. Por esse motivo, em todo signo ideológico, confrontam-se índices de valor contraditórios. Segundo Bakhtin, “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (p.46). E é por causa deste entrecruzamento de índices de valores que o signo se torna vivo, móvel e capaz de evoluir. A classe dominante, porém, tende a caracterizar o signo ideológico como estando acima das lutas de classe, como monovalente, a fim de ocultar a luta de classes.

Em suma, com base em Fiorin, podemos afirmar que a linguagem reflete a realidade, na medida em que ela condensa, cristaliza e reflete as práticas sociais. Ao mesmo tempo em que ela é determinada por formações ideológicas, é determinante, pois impõe ao indivíduo uma maneira de ver a realidade, constituindo sua consciência.

Em relação à ideologia, Fiorin a define como uma visão de mundo de uma classe social; a maneira como uma classe ordena, justifica e explica a realidade. Assim, numa formação social existem tantas visões de mundo quantas forem as classes sociais. Com base nisso, o autor afirma que não há conhecimento neutro, já que ele sempre expressa um ponto de vista de determinada sociedade. A ideologia constitui e é constituída pela realidade. Ela não é um conjunto de ideias que surge da mente de alguns pensadores, mas é determinada pelo modo de produção de uma sociedade. Dessa forma, a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante.

Fairclough (2007), por sua vez, caracteriza as ideologias como significações da realidade que têm sua materialização nas práticas discursivas. Elas constituem os sujeitos e contribuem para a produção, reprodução ou transformação das relações de dominação. Essas ideologias surgem nas sociedades e são caracterizadas por relações de dominação entre as classes sociais. Porém, à medida que os sujeitos são capazes de transcender essas sociedades, eles transcendem essa ideologia.

As ideologias são veiculadas nas sociedades através do discurso. Para defini-lo, Fiorin o distingue da fala: enquanto o discurso trata de combinações de elementos linguísticos usados pelos falantes para expressar pensamentos e agir sobre o mundo, a fala é a exteriorização psicofísico-fisiológica do discurso, sendo rigorosamente individual. Da mesma forma, Fairclough considera o discurso como o uso da linguagem como prática social e não como atividade individual ou reflexo de variáveis situacionais. Segundo o autor, o discurso constitui os sujeitos sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença.

De acordo com Fiorin, o discurso é formado pela sintaxe e semântica. A sintaxe discursiva tem certa autonomia em relação às formações sociais e é o campo da manipulação

consciente, ou seja, você escolhe como organizar seu discurso. Por outro lado, a semântica discursiva depende mais diretamente de fatores sociais e é o campo das determinações inconscientes (embora o sujeito possa fazer algumas escolhas conscientes), pois os elementos semânticos usados nos discursos de determinada época constituem uma maneira de ver de uma dada formação social. A semântica discursiva é, portanto, o campo da determinação ideológica.

Fiorin afirma que existe uma diferença entre um nível profundo e um nível de superfície dos discursos. É no nível superficial, isto é, na concretização dos elementos semânticos da estrutura profunda, que podemos observar as determinações ideológicas. Como exemplo, o autor cita discursos em que a liberdade é vista como “direito à diferença” e outros em que ela é considerada a “não-exploração da força de trabalho”. Embora tratem do mesmo tema, estes discursos pertencem a universos ideológicos diferentes.

Segundo Fiorin e Fairclough, da mesma forma como os textos sempre recorrem a outros textos (intertextualidade), sejam eles contemporâneos ou mais antigos, o discurso é sempre gerado a partir da combinação de outros discursos (interdiscursividade). Fairclough, citando Foucault, afirma que os relacionamentos entre os discursos incluem analogia, oposição, complementaridade e relações de delimitação mútua.

Fairclough e Bakhtin defendem a natureza política do discurso, já que a luta pelo poder pode também ocorrer no discurso. Este poder implícito nos discursos, porém, vem mascarado para que não seja percebido pelos indivíduos. O poder disfarçado nas práticas discursivas molda e reinstrumentaliza os sujeitos, para ajustá-los à necessidade da classe dominante. Fairclough afirma que Foucault chama este poder moderno de *biopoder*. Ele não é imposto de uma classe social sobre a outra, mas é desenvolvido na base do conhecimento que é gerado. Acredito que hoje não é mais através da força bruta que a classe dominante impõe seu poder, mas através dos seus discursos. Com eles, a classe dominante consegue persuadir e impor sua hegemonia sobre as classes mais baixas, sem que elas percebam. É claro que isso é uma generalização, mas grande parte dos indivíduos toma os discursos da classe dominante como verdade, sendo moldados e manipulados por eles.

Como vimos anteriormente, o discurso é social, é a materialização de formações ideológicas. O texto, porém, é individual e consciente, visto que o homem organiza os elementos linguísticos à sua maneira para veicular o discurso. Um mesmo discurso pode ser expresso por textos diferentes, apresentando certas peculiaridades. Assim, segundo Fiorin, o discurso simula ser individual, mas não existe uma individualidade discursiva absoluta. Não

existe homem livre das coerções sociais: “o homem coagido, determinado, aparece como criatura absolutamente livre de todas as coerções sociais” (p.42).

Para Fiorin, portanto, o falante é visto como suporte do discurso e não como agente. O agente do discurso são as classes e as frações de classes sociais. O indivíduo apenas reproduz os discursos que assimilou durante sua formação. “O indivíduo não fala e não pensa o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale” (p.43). Fairclough, porém, vai de encontro a essa visão, afirmando que o discurso é um modo de representação, mas também um modo de ação, em que as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre outras pessoas. Acredito que os indivíduos geralmente reproduzem os discursos aos quais foram expostos durante a sua vida, mas concordo com Fairclough, pois creio que os indivíduos são capazes de mudar esses discursos, de lutar contra a ideologia da classe dominante e de transformar a realidade. Isso, a meu ver, acontece através da educação e do estímulo ao pensamento crítico pelos educadores em ambientes escolares.

O discurso é visto por Fairclough como uma prática política e ideológica: a primeira porque o discurso pode reproduzir ou transformar relações de poder, a segunda pois o discurso é capaz de constituir, naturalizar, manter e transformar os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder.

Segundo Fairclough, autores que dão ênfase à reprodução dos discursos, em detrimento da transformação, não levam em conta a capacidade dos sujeitos de atuarem como agentes e transformarem a realidade. O autor afirma que os sujeitos são capazes de contestar e reestruturar a dominação e as formações sociais mediante a prática, pois não estão posicionados de modo passivo na sociedade. Dessa forma, o autor defende a dualidade do discurso: ele contribui tanto para a reprodução como para a transformação das sociedades. Os sujeitos são moldados pelo discurso, mas também são capazes de remodelá-los e reestruturá-los.

Para concluir, é possível afirmar que o discurso é uma prática social que veicula ideologias, constitui e é constituída pelos sujeitos. Portanto, as pesquisas em LA devem trazer à tona a ideologia e tratar a linguagem como discurso, ou seja, a LA deve ver a linguagem como um instrumento que não é neutro, pois ela não apenas media a comunicação entre as pessoas, mas serve como veículo para as ideologias. As práticas discursivas envolvem escolhas ideológicas e políticas, sendo atravessadas por relações de poder. Além disso, os sujeitos das pesquisas devem ser entendidos em seu contexto social, e as práticas discursivas em que atuam e que os constituem devem ter papel fundamental.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ed. HUCITEC, 1992.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Ed. Parábola, 2006.
- FAIRCLOUGH, Normam. *Discurso e Mudança social*. Brasília: Ed. UNB, 2007.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ed. Ática, 2007.

Recebido em 09/05/2010.
Aprovado em 15/06/2010.